



## Museu de Minerais e Rochas: a interatividade como ferramenta para a educação informal

P.A.C. Saraiva & S. de B. Barreto

UFPE, Departamento de Geologia. Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife - PE - CEP: 50670- 901, pe\_geo@hotmail.com, bsandra@ufpe.br

**Abstract** The Federal University of Pernambuco Museum of Rocks and Minerals is located at the Technology and Geosciences Center and has a stock that combines scientific importance with rare beauty. It constitutes an historic register of the development of mining in the Northeast and contains samples collected in the golden age of scheelite mining in Seridó. This paper aims to introduce the Museum and to stimulate reflection on the role of university museums in building citizenship. University museums have traditionally played a scientific role guided by the principles of science and the needs of teachers, researchers and collectors. The collections, acquired for the purposes of teaching or as a result of research, have been classified and arranged according to technical principles in such a way as to transform the space into a barren depository. The challenge, therefore, has been to introduce an element of interactivity and to transform these university museums, each with its own specific characteristics, into a space for interactive and appealing learning. The restoration of the Museum of Rocks and Minerals began in 2003 with the redrafting of an old catalogue, the restoration of labels and cabinets, the computerization of the stock, and changes to its basic infrastructure. The cobwebs have now been swept away and the time has come to rediscover ways of bringing the inanimate mineral world to life, breaking with the cycle of underfunding and daring to be creative and interactive.

*Palavras-chave:* Museu, interatividade, educação informal, minerais, Geociências.

*Keywords:* Museum, interactivity, appealing learning, minerals, Geosciences.

**INTRODUÇÃO** O Museu de Minerais e Rochas (MMR) da Universidade Federal de Pernambuco situa-se no Centro de Tecnologia e Geociências e reúne no seu acervo, exemplares de importância científica e de rara beleza. O seu acervo é um registro histórico do desenvolvimento da mineração no Nordeste, possuindo amostras coletadas na época áurea da exploração das mineralizações scheelitíferas no Seridó. Possui também, coleções de referência contendo minerais representativos das classes mineralógicas, procedentes de diversas partes do mundo.

O MMR possui um excelente acervo de fosfatos (classe de minerais de grande complexidade e diversidade) encontrados nos pegmatitos do Nordeste, muitos de ocorrência única. Além de conter amostras de outras jazidas do mundo que se encontram atualmente esgotadas.

Este trabalho visa apresentar o Museu de Minerais e Rochas da Universidade Federal de Pernambuco e provocar reflexões sobre a ação possível de museus universitários na construção da cidadania.

**Histórico** Nos idos de 1950 foram criados o Instituto de Geologia e a Escola de Geologia do Recife e, com eles foram fundados dois museus com o objetivo de dar suporte às atividades didáticas das áreas de conhecimento de mineralogia e de petrologia,

desenvolvidas por essas instituições, na formação de geólogos, engenheiros de minas e historiadores naturais. Esses museus desde então, já serviam como espaço de divulgação do conhecimento científico, quando eram abertos à visitação pública e também quando promoveram atividades de difusão do conhecimento geológico no apoio a eventos.

Os acervos desses museus, fundados outrora, respectivamente, por docentes dessas Instituições, **Sílvio da Cunha Santos/Cláudio de Castro e Bhaskara Rao/ Maria do S. Adusumilli** foram reunidos, no final da década de 60, em um só museu, o Museu de Minerais e Rochas, localizado no Centro de Tecnologia e Geociências.

Naquela época foram adquiridas coleções científicas de referência e coleções didáticas, além de amostras específicas por sua beleza e/ou raridade. Essas coleções e amostras constituem o acervo atual do MMR que tem sido renovado, ao longo dos anos, por meio de coletas realizadas por alunos dos cursos de graduação de Geologia e Engenharia de Minas, bem como por pesquisadores, docentes e colaboradores.

**O acervo** No acervo desse museu está catalogado **2176 espécimens minerais** pertencentes a duas coleções científicas: **1600 espécimens minerais da Coleção Hélio Grimberg** e **576 espécimens de**



minerais e rochas da **Coleção Fritz Krantz**, além de **671 espécimens** de minerais adquiridas por intermédio de **doações e trabalhos de pesquisa** ao longo dos anos, totalizando **4.447 espécimens minerais**. Há ainda, algumas amostras não catalogadas, procedentes de doações e/ou pesquisas realizadas nos Cursos de Geologia e Engenharia de Minas.

O Museu de Minerais e Rochas - UFPE é um dos poucos museus de ciências na área de conhecimento das Geociências na região Nordeste. Atualmente, situa-se no térreo do Centro de Tecnologia e Geociências, ocupando uma área total de **76 m<sup>2</sup>**, correspondente a uma das dependências do módulo de Laboratórios do Departamento de Geologia.

Nas proximidades do MMR-UFPE compoemdo um ambiente museal, encontra-se instalado o “Bosque Fóssil” reunindo dezenas de segmentos de troncos fossilizados (grupo das coníferas), constituindo a maior exposição do gênero na América Latina. Esses troncos foram resgatados em dezembro de 1983, numa operação de salvamento pretérita à inundação da área hoje ocupada pela Represa Hidrelétrica de Itaparica. Esse resgate foi uma iniciativa do paleontólogo e professor, **Dr. Geraldo da Costa Barros Muniz**, num convênio CHESF/UFPE.

Esse museu de ciências desde a sua fundação, além de apoiar o desenvolvimento das atividades acadêmicas relacionadas ao ensino da Geologia, Geografia, Química e Engenharia de Minas, teve sempre uma postura interativa disponibilizando suas dependências à visitaç o por escolas de ensino público e privado, desde o nível pré-escolar ao ensino superior, por pesquisadores, docentes, discentes e pelo público em geral, além de que apoiou eventos de divulgação da Geologia e/ou dos recursos minerais, sejam esses:

- feiras de conhecimento, apoiando na composi o dos trabalhos a serem apresentados por alunos das escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio;
- semanas técnicas, de divulgação do conhecimento mineralógico com apoio de empresas, e
- eventos promovidos pela Universidade como, por exemplo, o “Vivendo o Campus”, quando a UFPE abre o seu campus à visita o da comunidade a seus laboratórios, museus e departamentos nas diversas áreas de conhecimento, além de realizar atividades lúdicas e interativas.

**CAMINHOS E DESCAMINHOS** Museu, palavra que aponta para uma categoria de pensamento, para um conceito socialmente construído e construtor, historicamente determinado, variável no tempo e no espaço. O museu pode ser tratado, nesse sentido como

um fato ou fenômeno social que interessa estudar e conhecer (Chagas *apud* Política Nacional de Museus 2005).

No universo conceitual da museologia atual, os museus atuam em três funções básicas; a investigação, a preservação e a comunicação de bens culturais representativos da memória (Política Nacional de Museus 2003).

Diante dos novos conceitos, pergunta-se a quem serve a teoria e prática museal? Como aplicá-las aos museus universitários?

Os museus universitários, historicamente científicos, foram originados muitas vezes por ideais científicos e didáticos de pesquisadores/docentes, verdadeiros colecionadores. Coleções essas adquiridas para fins didáticos e/ou resultantes de pesquisas, depositadas em formato científico e carregadas de tecnicismo, reunidas em armários, gavetas, vitrinas que passam a constituir um museu, transformado em um espaço árido de depósito de exemplares diversos.

O desafio se estabelece em implantar a **interatividade** e transformar esses museus universitários, cada qual com sua especificidade, em um espaço de aprendizagem interativo, sedutor e instigante, quebrando o paradigma do lembrar, criando no espaço museal a possibilidade do esquecimento, das ilusões, do sonhar, do ampliar da consciência. Fazer o museu operar como agente de liberdade podendo também, escravizar o olhar, a mente e o corpo do visitante.

O desafio é também deflagrar o desejo de dialogar no espaço museal, onde seres inanimados se expõem e estabelecem relações diversas com o olhar de cada visitante, que chega com sua história. Qual a direção que o museu deve seguir para despertar vocações, transmitir conteúdos, elevar a auto-estima, trazer a ciência para o cotidiano, formar cidadãos?

A prática da Extensão Universitária pode ser o caminho para transformar os museus universitários em interlocutores da Universidade com os diversos segmentos da sociedade. Promovendo a abertura desses espaços universitários para uma troca de linguagens, saberes e práticas que redimensionem o papel da Universidade na construção das políticas públicas.

As dificuldades encontradas no ambiente universitário são muitas. Esbarram, inicialmente, na contracultura, por parte dos que fazem à Academia, para com essas atividades extensionistas, especificamente, os ambientes museais. Atividades essas que não levam a uma produção literária científica, no sentido restrito vigente, ou melhor, que não promovem imediatas qualificações curriculares. Expandem-se para a ausência de profissionais com formação em museologia, constituindo o corpo diretor



e técnico dos museus universitários, os quais estariam mais habilitados à prática museal e funcionariam como elo entre o saber científico/acadêmico e a comunidade. Outro aspecto importante é a falta de recursos institucionais que permitam a manutenção e a ampliação das condições mínimas necessárias à conservação de acervos e de ambientes de visitação.

Como galgar todos os passos para se tornar competitivo perante os museus já estruturados, que em maioria estão fora do ambiente acadêmico?

O Museu de Minerais e Rochas da UFPE iniciou seu processo de recuperação e reabertura em 2003, participando e concorrendo a projetos de extensão

internos, buscando assim **reabrir** suas portas de forma mais adequada e instigante. A recuperação do MMR se iniciou com a reconstituição de um antigo livro de cadastro do acervo, a recuperação de etiquetas de cadastramento de amostras, reforma de armários, informatização de acervo chegando a reformas na sua infra-estrutura básica. Rompeu as teias de aranhas que tomavam conta de seu acervo e fechavam as suas portas. Inicia-se um momento de descobrir quais as formas de animar o seu reino mineral inanimado e, para isto deve romper com a cadeia da falta de financiamento e ousar ser criativo para se interativo.

### Referências

POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS. 2003. *Memória e Cidadania Ministério da Cultura*, 41p.  
POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS. 2005. *Programa de Formação e Capacitação em Museologia – Eixo*

3/Ministério da Cultura do Brasil, IPHAN, DEMU, organizado por Maria Célia Teixeira Moura dos Santos. Salvador, (relatório2003-2005) 147p.il., color.